



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**JANDARIANE NASCIMENTO BISPO**

**A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**JANDARIANE NASCIMENTO BISPO**

**A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Mírian Sumica Carneiro Reis.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

B531e

Bispo, Jandariane Nascimento.

A escrita autobiográfica de Carolina Maria de Jesus / Jandariane Nascimento

Bispo. - 2019.

40 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mírian Sumica Carneiro Reis.

1. Autobiografia - Escritoras. 2. Autobiografia na literatura. I. Jesus, Carolina Maria de - 1914-1977 - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.3

**JANDARIANE NASCIMENTO BISPO**

**A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 03 de abril de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mírian Sumica Carneiro Reis (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Igor Graciano Ximenes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lílian Paula Serra e Deus**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente à Deus pelo dom da vida e por me permitir chegar a esse momento, pois não foi fácil chegar ao fim da minha graduação.

Aos meus pais, José Celestino e Jandiara, aos meus irmãos e demais familiares que sempre acreditaram em meu potencial e me incentivaram na minha caminhada

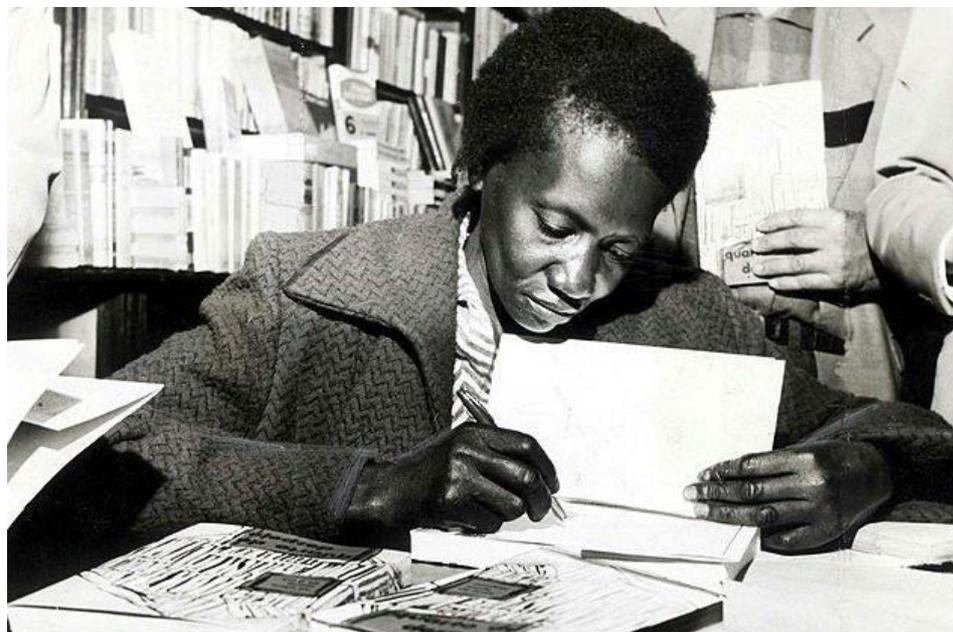
Ao meu companheiro Rodrigo, por me incentivar e me aconselhar a nunca desistir, mesmo que motivos me levaram a pensar que isso acontecesse ele sempre estava ali me incentivando.

Agradeço também à minha orientadora Mírian Sumica Carneiro Reis por me apresentar à Carolina Maria de Jesus e despertar em mim o interesse de querer estudá-la.

Assim também agradeço aos amigos brasileiros e africanos que cultivei dentro da academia e que levarei sempre comigo, recebam o meu carinho.

Às minhas parceiras Ana Paula, Corina Pedreira e Eloisa Helena, muito obrigada pelas palavras de conforto, incentivo e pelos puxões de orelha (principalmente nessa reta final), foram dias confusos, mas que me ensinaram bastante.

E, principalmente à Carolina Maria de Jesus, meus agradecimentos por escrever palavras tão bonitas e ao mesmo tempo impactantes que me encantaram quando li o primeiro diário.



Não digam que eu fui rebotalho  
Que vivi a margem da vida  
Digam que eu procurava trabalho,  
mas fui sempre preterida.  
Digam ao povo brasileiro  
Que meu sonho era ser escritora,  
mas eu não tinha dinheiro  
para pagar uma editora.

Carolina Maria de Jesus

## RESUMO

Esta monografia apresenta um pouco da vida e da obra de Carolina Maria de Jesus, a negra retinta que saiu da favela do Canindé para mostrar ao mundo como sua escrita de estética e estilo próprios atingiu os mais diversos campos sociais. A trajetória da autora questiona o cânone literário que, na década de 60 – anos em que seus dois primeiros livros foram lançados – não aceitava como literário o que não representasse determinados padrões em atenção ao *status quo*. Este trabalho pretende mostrar como Carolina subverte esta lógica através dos diários autobiográficos *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*, impondo sua essência e o seu estilo. Para isso, parte-se da leitura da fortuna crítica da autora, fazendo um contraponto com sua própria literatura, seu lugar de fala, em que ela descreve os entraves que a impediam de ingressar no meio literário, para protestar sua voz diminuída de mulher negra e favelada.

**Palavras-chave:** Autobiografia - Escritoras. Autobiografia na literatura. Jesus, Carolina Maria de - 1914-1977 - Crítica e interpretação.

## RIZUMU

E monografia aprizenta mbokadu di vida ku obra di Carolina Maria de Jesus, un pretu nok ki sai ba di guetu Canindé pa mostra mundu kuma ke si scrita di stetika ku stilu próprios alkansa ba manga di campos sociais. Kaminhu di autora i ta kestiona canône literariu ke na década di 60 – anus ki si dus purmerus librus e lansadu ba – ika ta ceta ba kila ku ka representa certus padrons em atenção pa *status quo* suma literariu. E tarbadju misti mostra manera ki Carolina muda e lógica através di si diários autobiográficos *Kuartu di Dispeju* e *Kasa di Alvenaria*, i pul si esensia ku si stilu. Pa kila, no kunsu ku leitura di fortuna crítica di autora, fazendo un kontrapuntu ku si próprio literatura, si lugar di papia, nunde kel discribi gueras ki ta tudil entra na meio litarariu, pa mostra si voz pikininu di mindjer pretu i faveladu.

**Palabras-tchabi:** Jesus, Carolina Maria de - 1914-1977 - Kritiek en interpretasie. Outobiografie in die letterkunde. Outobiografie - Skrywers.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA TRAJETÓRIA</b>	<b>12</b>
2.1	AS VÁRIAS IDENTIDADES DE CAROLINA	15
2.1.1	<b>Carolina mãe solteira</b>	15
2.1.2	<b>A catadora de lixos e favelada</b>	18
2.1.3	<b>A escritora e contestadora política</b>	20
<b>3</b>	<b>A ESCRITA DE SI E DO OUTRO: RELATOS DE DENTRO DE UM QUARTO DE DESPEJO</b>	<b>24</b>
3.1	A FAVELA: LUGAR DE IDENTIFICAÇÃO E A MARCA REGISTRADA DO PRIMEIRO DIÁRIO DE CAROLINA	25
3.2	PERSPECTIVAS E A RECEPÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO, SEU PRIMEIRO DIÁRIO AUTOBIOGRÁFICO PUBLICADO	27
<b>4</b>	<b>A SALA DE VISITAS: CASA DE ALVENARIA, DIÁRIO DE UMA EX-FAVELADA</b>	<b>32</b>
4.1	A NOVA DIMENSÃO DE CAROLINA	34
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar a escrita autobiográfica que os diários de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), *Quarto de despejo* (1960) e *Casa de alvenaria* (1961), retratam.

Nas obras supracitadas, o cotidiano de uma mulher negra, semialfabetizada, mãe solo por opção e favelada são retratados de uma forma singular e única de um “jeito bonito”, transcritos ao seu modo e sua sintaxe é rica e própria. São dois momentos distintos – sendo o primeiro, dentro do espaço denominado por ela *Quarto de despejo*, onde a narrativa nos mostra como a sua vida era permeada de sentimentos como aflição, tristeza, desespero, dor e pior ainda, era o desespero que a fome lhe causava, sendo este sentimento o pior entre os outros mencionados, pois a falta dos gêneros alimentícios provocavam tantas outras sensações piores. “como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar.”(JESUS, 1960, p.110)

Esse sentimento que permeia a escritora é tão marcante e a acompanha até o fim deste primeiro diário.

A favela, era o seu lugar de fala naquele momento, contudo, àquela comunidade para Carolina, não constituía o seu lugar de pertencimento.

O destino fez com que Carolina fosse encontrada por Audálio Dantas - um jovem jornalista que tendo acesso aos manuscritos de Carolina pôde tirá-la das condições insalubres em que ela e os seus filhos viviam e, além disso, expor a fala de si e do outro, que Carolina escrevia.

O segundo momento dá-se então, entre a passagem de Carolina do *Quarto de despejo* à *Casa de alvenaria*. A autora agora, está no lugar que ambicionava viver. Porém, existem ambivalências com relação à sua ascensão, os holofotes estavam voltados para ela de uma forma que não havia acontecido antes no país, era algo inusitado, todos os setores sociais assediavam a negra Carolina. Porém, o assédio não dura muito e a publicação do seu segundo diário autobiográfico não assume com maestria o mesmo papel que o seu primeiro livro.

Dessa forma, o trabalho traça um panorama sobre a trajetória de Carolina que vinda de Sacramento, Minas Gerais, vira moradora da favela do Canindé, em São Paulo, experimenta as mais diversas formas de opressão e que excluída da sociedade passa a escrever sobre o seu cotidiano infausto alcançando o tão nobre título de uma

escritora celebre das obras *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria*. Portanto, este trabalho é composto de três capítulos:

O primeiro capítulo, intitulado, “Sobre Carolina Maria de Jesus e sua trajetória, traz uma pequena abordagem sobre a história de vida da escritora, desde Sacramento até a cidade de São Paulo. Trata também, das várias identidades que Carolina assumiu após ser condicionada a viver na favela do Canindé. Tendo como subitens: “Carolina mãe solteira”; “A catadora de lixos e favelada” e “A escritora e contestadora política”;

O segundo capítulo, denominado, “A escrita de si e do outro, relatos de dentro do quarto de despejo” contém os subtópicos: “A favela, lugar de identificação e a marca registrada do primeiro diário de Carolina e “Perspectivas e a recepção de quarto de despejo, seu primeiro diário autobiográfico publicado”.

O terceiro capítulo intitulado: “A sala de visitas: Casa de alvenaria, diário de uma ex-favelada”, que tem como subtópico: “A nova dimensão de carolina”. Trata de como se deu a ascensão social de Carolina e de como se deu o seu esquecimento de acordo com os acontecimentos da época que lhe impediam de produzir seus outros escritos.

Para tanto serão utilizados aparatos teóricos como teses e artigos de Lara Gabrielle, Aline Arruda e Carlos Silva. Assim, como os pontos de vista de Meihy e Levine e o livro da escritora Alba Olmi.

Optou-se também por utilizar citações longas de Carolina (que respeitam fielmente a sua sintaxe), a fim de dar ao leitor a chance de deleitar-se com as palavras da escritora.

## 2 SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA TRAJETÓRIA

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS,1960).<sup>1</sup>

É objetivo deste capítulo, traçar um percurso da história de Carolina Maria de Jesus, desde o seu nascimento, sua infância, juventude e idade adulta, suas várias identidades, perdas e conquistas até sua chegada à favela do Canindé. Carolina buscou através da sua escrita, expor suas indignações e dessa forma denunciar as mazelas impostas pelo descaso das autoridades, o esquecimento pelo qual ela e todos aqueles que viviam nas favelas, cenário de desigualdades e más condições de vida passavam.

Para isso, o capítulo será baseado nas leituras feitas do seu primeiro livro publicado Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (1960).

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1942, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, vinte e seis anos após a abolição da escravatura, no período em que Carolina viveu ali, a cidade de Sacramento tinha em torno de dezesseis mil habitantes (quatro mil na área urbana) e todas as casas eram cobertas de sapé e as paredes de adobe, cobertas de capim.

Filha de um homem desconhecido, Carolina não se refere muito ao seu pai (sabia que ele era um homem casado). Nesse contexto, Carolina morava com sua família em um bairro humilde em Sacramento, a vida era difícil naquela cidade e seus habitantes tinham que produzir quase tudo que comiam e utilizavam, trocando os produtos produzidos por outras coisas como tecidos, sabão e até mesmo sal. Quase todos que ali residiam eram descendentes de escravizados que assim como Carolina e sua família, encontravam-se sem expectativas. Ali, próximo a sua casa morava o seu avô, Benedito José da Silva, filho de escravizados, que nascera liberto por causa da Lei do Ventre Livre.

O avô de Carolina representava para ela uma figura muito importante, e ela sempre o exaltava dizendo que era um homem bom. Ele reunia toda família aos finais

---

<sup>1</sup> Todas as citações de Carolina Maria de Jesus transcritas neste trabalho respeitam rigorosamente o padrão ortográfico da autora.

de tarde para a reza do terço ou até mesmo para fazer chover pois, dizia ele que a reza era o modo dos homens conversar com Deus. Ela relata que o avô era um homem bom e que nunca chegou a ser preso, o que era muito naquela época, pois a força policial era desumana com a população negra.

Sobre o seu avô, Carolina o chamava de Sócrates africano (inclusive ela escreve mais tarde um conto de mesmo nome relatando sobre ele). Ela conta que os homens brancos e ricos iam visitá-lo e ficavam por horas ouvindo-o. “E saiam dizendo: - Foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, ele seria o homem. Que preto inteligente. Se esse homem soubesse ler poderia seria o nosso Sócrates Africano” (JESUS, 1994, p.191).

Observa-se que esta afirmação, naquela época da infância de Carolina, atribuía humanidade a uma pessoa, o avô da escritora por ser um homem com muitos conhecimentos surpreendia a todos que iriam visitá-lo, pois para os visitantes aquelas informações passadas por ele, era de forma que contribuiria muito para os conhecimentos dos mesmos.

Segundo Aline Arruda (2015):

[...] Ele é representado como um negro sábio e também o detentor do repertório ancestral que repassa aos filhos e netos. O avô seria a figura do griot africano que, além de narrar o passado do sofrimento, alerta os mais novos para o presente e o futuro. É ele que lhes conta sobre Zumbi e Palmares e quem, reza o terço, do que muito orgulha a neta-narradora. (ARRUDA, 2015, p.70)

A escritora cursou até o segundo ano primário no Instituto Alan Kardec, uma escola particular espírita fundada por Eurípedes Barsanulfo, uma das primeiras escolas espírita fundada no Brasil. Sua experiência escolar só se deu por causa do favor de uma senhora muito rica chamada Dona Maria Leite, que ajudava os pobres pois dizia ter pena deles e que pelo menos deveriam ser alfabetizados para se tornarem tipos sociáveis, onde segundo ela assim, conseguia desviá-los das delinquências que a vida os levava.

Cursou até o segundo ano primário naquela escola, sendo o único contato que Carolina teve com o colégio e desde esses anos com a educação nunca mais deixou os cadernos. Sobre sua experiência escolar, escreve Meihy e Levine:

Conta-se que, de início, ela não se mostrou tão interessada, e que sua mãe chegava a surrá-la, praticamente todos os dias, para que ela se interessasse. Mais tarde a escritora declarava que sua grande inspiração não havia sido a escola, e sim seu avô, a quem chamava entusiasticamente de “Sócrates Africano”. Sua experiência escolar durou até que sua mãe encontrasse trabalho fora de Sacramento. A partir de então, Carolina não pôde mais frequentar as aulas porque a distância era inviável (MEIHY; LEVINE, 1994, pag.21).

Quando completou a adolescência, mudou-se com a mãe para Franca, interior de São Paulo onde trabalhou por um tempo na Santa Casa de Misericórdia. Em 1937 a sua mãe falece e sobre ela Carolina escreveu:

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando me a gostar dos humildes e dos fracos. (JESUS, 1960, p.43-44).

A morte de Dona Maria Carolina (ou Dona Cota, como era seu apelido) foi o que levou Carolina a migrar para a capital São Paulo. Então, em 1947 ela chega à cidade, com 33 anos de idade. Ouvia dizer que a cidade era muito grande e atrativa com muitas ofertas de trabalho e por isso chegou a pensar que assim mudaria de vida, porém, ao chegar na capital, vagou por um tempo pelas ruas, chegou a dormir até debaixo de pontes e viadutos, buscou diversas maneiras de obter o seu sustento, trabalhando como faxineira, cozinheira, vendedora de cerveja, empregada doméstica, entre tantas outras funções que lhe aparecesse.

Em 1948, trabalhando de empregada doméstica, perde o emprego por estar grávida de um marinheiro português, que a abandonou, sendo assim, sua sobrevivência estava sendo ameaçada pela fome e o medo, passou então a ser catadora de lixos e restos, deixando de ter um salário fixo e passando a ter um salário insignificante. Decorrente desses fatos, a única saída encontrada por ela foi a favela do Canindé, lugar em que a escritora passa quase dez anos da sua vida e o cenário principal do seu livro mais famoso Quarto de Despejo.

A seguir, serão discorridos um pouco das várias identidades assumidas por Carolina para sobreviver num mundo ao qual foi condicionada a viver, devido às questões que a impediam de obter o sucesso e a estrutura financeira e emocional que ela sempre almejou na vida.

## 2.1 AS VÁRIAS IDENTIDADES DE CAROLINA

Carolina além de ser mulher e negra assumia várias identidades, o que a fazia ser diferente e incomodava a todos que moravam na Canindé. Era uma mulher independente que se esforçava para ser melhor a cada dia, buscando ser uma pessoa culta com relação às outras com quem convivia, mesmo tendo pouca escolaridade ela deixa claro a importância de ler e o quanto isso enriquece o conhecimento de uma pessoa.

Nas próximas linhas, será relatado um pouco das várias faces assumidas por Carolina para tentar driblar aquelas condições sub-humanas em que foi condicionada a viver.

### 2.1.1 Carolina mãe solteira

Foi por conta da primeira gravidez que Carolina parou de trabalhar como empregada doméstica em casas de família. Virou mãe solteira, pois foi abandonada pelo pai do seu filho, e por essa condição, Carolina era criticada pela vizinhança da Canindé. Ela enfatiza que não ligava para as críticas, pois considerava essencial a paz em seu lar e por isso vivia só com os filhos, não queria que eles presenciassem as violências que ocorria tanto contra as mulheres, quanto contra as crianças na favela.

Carolina teve três filhos: o primeiro João José, em 1948, seu pai foi um marinheiro português; do envolvimento com um italiano nasceu José Carlos, em 1951; de um americano, teve sua primeira filha que nascera morta, cujo nome seria Carolina, e em 1953, nasce Vera Eunice, filha de um empresário espanhol.

Seus filhos eram vistos como os melhores e mais educados em comparação com as outras crianças da favela. Por ser mãe solo de três filhos e por opção, muitas vezes, Carolina era criticada pelos vizinhos. Ela sempre dizia que era preciso ser mais paciente com os filhos, pois, pelo fato de eles não terem outros parentes a não ser ela, eles mereciam ter mais atenção e carinho. Considerava como pungente a qualidade de mulher sozinha sem um homem, pois não aceitava a condição de submeter-se a um marido.

“Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar (JESUS, 1960, pag.19).”

Após a segunda guerra mundial, o Brasil vive uma nova etapa na sua história, ocorre a ascensão da classe média, aumenta a urbanização e a industrialização do país. Começam a surgir, várias oportunidades profissionais tanto para homens quanto para mulheres, porém, mesmo decorrendo tantas transformações, as divisões sexuais dentro do lar, na família, permaneceram ou seja, a mulher com o papel de esposa e mãe, aquela que era inferior em comparação à figura masculina, que era vista na época como o chefe da família e provedor econômico. O conceito patriarcal era forte influente para aquela época, mesmo as mulheres começando a ocupar alguns lugares que eram tempos antes tido como proibidos para elas, (muito embora a década de 50 ficou conhecida como a década “da rainha do lar”), esse conceito começa a enfraquecer com o fim da segunda guerra mundial.

O conceito de família no Brasil, tem forte influência da Igreja Católica, através do casamento religioso foi criado a base para a formação da família legítima que, segundo o minidicionário Aurélio (2011, p.312), é definido pelo “conjunto de pessoas aparentadas que vivem geralmente na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos.” Daí a família que não seguisse esse conceito era estigmatizada.

Porém com Carolina era diferente. No meio da favela, ela era a única que constituía uma família monoparental feminina que, segundo Brito (2008, p.), “é o grupo familiar que é composto pela mulher mãe e seus filhos menores de 25 anos e solteiros. Nesse arranjo familiar, geralmente, é a mulher a única responsável pelo sustento econômico da família.”

Ser mulher nos anos 50, conhecido como os anos dourados no Brasil, era como não ter história, não ter direitos para contestação. Na ideologia dessa década, mesmo não tendo mais a obrigação do casamento arranjado pela família, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte, inextricavelmente, da concepção de ser mulher. A mulher que seguisse caminhos que não se enquadrasse a essa concepção, não seria feliz e atrapalharia a felicidade de outras pessoas.

A autora saía e deixava os filhos em casa, algumas vezes, os levava, mas não gostava que eles saíssem com ela, pois sempre pediam para que comprasse algo. Por várias vezes ela reclamava por residir na favela, em vista dos desentendimentos

e violências que seus filhos presenciavam, ela sonhava e desejava muito residir em uma casa de alvenaria, na sala de visitas.

Em seus relatos, Carolina descreve a tristeza que era ver seus filhos sem roupas sapatos e comidas. Ela ficava abatida por saber que os gêneros alimentícios estavam escassos, principalmente aos fins de semana, pois eram dias de poucos papéis nas ruas.

Em mais um dia na luta para conseguir uns trocados, ao chegar na favela, Carolina diz:

Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos pra fora. A D. Rosa, assim que viu meu filho João José começou a impricar. Não queria que o menino passasse pelo barracão dela. Saiu com um pau para espanca-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com uma criança! As vezes eu saio e ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas minhas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas (JESUS, 1960, pag.13).

Ela criticava duramente quem tinha vícios, pois julgava os vícios como algo que sacrificava a família e a integridade das pessoas.

Se sua moradia não era decente, ela procurava manter o mais limpo que podia, ao menos dava às crianças com muita satisfação o que comer. Mesmo não sendo uma comida boa, sempre havia alimentos na panela (mesmo sendo pouco). Sobre a fome e a escassez dos gêneros alimentícios ela diz:

Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem, Carolina. Os generos alimenticios deve ser ao alcance de todos.  
Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cerebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais. (JESUS, 1960, pag.34).

Carolina fazia questão que seus filhos estudassem, orgulhava-se da educação que eles tinham, o que tornavam diferentes das outras crianças que ali viviam, porém, mesmo sendo diferentes com relação a educação das outras crianças, eles eram iguais aos outros, pois viviam cheios de vermes. Ela relembra que seus filhos já adoeceram por conta disso e que eles já expeliram pela boca. Carolina ficava sempre atenta para que os filhos não consumissem comidas estragadas, tinha medo de que morressem intoxicados. Ela relata ter presenciado um menino comer um alimento estragado e morrer por intoxicação.

A escritora, em uma passagem do seu diário, revoltava-se por ter arranjado os homens com quem tivera seus filhos.

“Tive sonhos agitados. Eu estava nervosa que se eu tivesse azas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado filhos(JESUS, 1960, p. 78).”

Mesmo com essa condição de mãe solteira, Carolina procurava manter a harmonia e aproximação na relação com seus filhos, pois eles viviam isolados dos demais, ela sempre os ensinava valores que considerava importantes para que as crianças não se perdessem no mundo ruim que ela considerava existir ali naquele lugar. Apesar dos momentos ruins serem mais longos, haviam aqueles felizes também, ela sempre que podia esforçava-se para dar pelo menos algo diferente a seus filhos para comer, o que os deixavam felizes e agradecidos.

Carolina, em seus escritos, registrou a luta de uma mulher negra, semialfabetizada, sem profissão definida e mãe solo que buscava incansavelmente um teto digno para si e para seus filhos que enquanto não alcançava esse objetivo sobreviviam em uma favela, lugar onde não se tinha assistência e era muito desagradável. Era nos escritos que Carolina encontrava motivos para enfrentar os limites diários, financeiros e sociais, pois ela sabia que um dia esses objetivos seriam alcançados.

### **2.1.2 A catadora de lixos e favelada**

O sonho de Carolina quando jovem era morar em São Paulo, pois tudo o que ouvia sobre a cidade era que ela tinha muitas ofertas de emprego e que, assim conseguiria alcançar o sonho de “se dar bem na vida”. Só que ao chegar lá, a realidade era muito diferente do que ela esperava, de empregada doméstica em casas de família, passou a ser catadora de papéis e restos, devido a gravidez do seu primeiro filho.

Vivia a catar papéis pelas ruas da cidade de São Paulo, tudo que pudesse vender ou trocar por provimentos que precisasse, era válido. Ela classificava a favela como quarto de despejo da cidade, vivia ali, mas não tinha o sentimento de pertença daquele lugar, por isso, ela nunca se adaptou em viver no Canindé.

Para ela, todos que viviam ali na favela eram esquecidos pelos governantes. Ela classificava a favela como uma ferida aberta esquecida pelos brancos ricos e políticos.

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferente da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. A favela (JESUS, 1960, p.76).

Ela não gostava de andar suja e fétida, sonhava em comprar boas roupas, sapatos e perfumes bons, porém as condições financeiras não permitiam tais desejos. Em várias passagens do diário, Carolina se queixava que saía sem comer nada e que passava mal, pois geralmente não tomava café, se fizesse isso seus filhos não teriam o que comer pela manhã. Mesmo assim ela saía, pois sabia que se não catasse papel não teria dinheiro para comprar os mantimentos que seus filhos necessitavam.

A autora sempre questionava a vida que ela e os seus irmãos de infortúnio levavam, era uma vida difícil e atribulada, sempre que chegava em seu barraco depois de um dia exaustivo catando os restos rejeitados pela cidade, ela pensava como era doloroso o trabalho de catadora de papéis, de lavar para fora e de permanecer longe de casa o dia todo, e ainda assim o dinheiro não ser suficiente para ter uma vida digna à qual sempre sonhou. A maior parte da narrativa de seus diários é transitório, entre a favela e as histórias que envolvem seus moradores e a cidade com suas personagens, ela conta vários acontecimentos para depois opinar sobre tudo.

Carolina reclamava com frequência do odor insuportável que se alastrava pela favela e do lixo que os habitantes da cidade dispensavam às margens do rio Tietê, as pessoas que chegavam lá para visitar, reclamavam e diziam que a favela do Canindé era o chiqueiro de São Paulo, esses tipos de opiniões vindo de pessoas que não ajudavam os que ali residiam, deixava Carolina revoltada, e assim ela refletia sobre a realidade que era viver naquele lugar.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. Devo incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (JESUS, 1960, p.33).

Carolina percebia assim o fracasso que era ser catadora de lixos e favelada, atestava em seus escritos como era difícil viver ali sendo esquecida pelos governantes, vivendo como porcos, de restos que não serviam mais para os residentes da cidade. Enfim, a autora denunciava as mazelas que acometia a todos daquele espaço, dizia que não tinha medo de denunciar tudo que se passava ali, para ela a favela deveria ser extinta, mas tinha medo de que o governo não tomasse nenhuma providência depois e que todos voltassem a viver pior do que já viviam.

### **2.1.3 A escritora e contestadora política**

Carolina em seus escritos, travava um diálogo não somente com as pessoas que convivia com ela ali na favela, mas com quem encontrasse nas ruas da cidade, sempre fazia críticas sobre a situação do país, da política da época e sobre a pobreza que ela e os outros passavam. Ela utilizou-se de um discurso realista e foi além de sua forma de expressão, trazendo em sua voz uma força, demonstrando sua verdade marginalizada e superando as limitações de sua condição socioeconômica e cultural.

Carolina era mulher negra, catadora de papéis, favelada, escritora e, acima de tudo, mãe, todos esses papéis atribuídos a ela são pontos de conexões para tornar sua escrita diferente, com traços marcantes que em sua finalidade fazia um protesto para que todos tomassem conhecimento do que se passava dentro do quarto de despejo.

Segundo José Carlos Gomes da Silva (2006-2007), “o discurso caroliniano embora tenha se desenvolvido em um plano microscópico, subitamente o vemos deslocar-se para a esfera macropolítica”. Nesses casos, surgem expressões de fúrias dirigidas aos políticos, que para ela, são os principais culpados pelas infelicidades que as camadas menos favorecidas enfrentavam na vida urbana.

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na assembleia. A sucursal do purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi o ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas dos lixos, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em reação ao povo. (JESUS, 1960, p.54).

Naquela época dos anos 50-60, na conjuntura em que se encontrava Carolina, ela não poderia se encaixar no contexto literário, por ser mulher, negra e semi-alfabetizada, não se tinha indícios de mulheres como ela no cânone literário brasileiro.

No campo mais restrito dos estudos literários, não se considerava as obras de Carolina como uma contribuição para literatura nacional. O lugar de fala e as características de sua escrita são tidas como impasse para incluí-la no rol dos escritores negros brasileiros, devido ao não enquadramento dos seus escritos nas exigências da norma culta, sendo assim os elementos característicos da sua escrita permitiu lugar no universo da literatura marginalizada, que de acordo com Martin Lienhard (*apud* SILVA, 2006-2007, p.6), são os escritos elaborados por descendentes de africanos e indígenas nas Américas. Ainda segundo SILVA (2006-2007), conforme Martin Lienhard, os setores marginalizados possuem algumas particularidades, compõem expressões próprias à oralidade, inscrevem categorias extraídas de sistemas linguísticos nativos e apresentam rompimentos em relação aos padrões normativos da escrita. Silva (2006-2007) então conclui que, nesse sentido, de forma ainda mais restrita seria possível concebê-la como uma representante da *Literatura negra marginalizada*.

Já Toledo (2011), sobre as condições de Carolina como mulher negra escreve:

Certamente modificou o padrão de representação da mulher negra na literatura e abriu espaço para novos traçados, pois, embora desacreditada por muitos, fez o mais importante e inovador: levantou sua voz de mulher negra diante do patrimônio masculino e branco para tomar para si o próprio estereótipo, que há muito vinha sendo deturpado pelos padrões hegemônicos, e reconfigurou a imagem ao seu gosto, — dentro e fora da literatura — conforme visto na apresentação dos diários. (TOLEDO, 2011, p.122. *apud* Lara Gabrielle, 2015,p.91)

Carolina Maria de Jesus, mulher que tinha uma determinação em querer mudar de vida, através dos seus escritos literários, ela enfrentou preconceitos, adversidades e encarou de frente todos os tipos de obstáculos para poder sair da vida que ela considerava não pertencer.

Segundo Carlos Fernando (2013), [...] Um dos mais importantes poetas modernistas acabou resolvendo a questão. Audálio Dantas no prefácio “A atualidade do mundo de Carolina” nos informa que:

O poeta Manuel Bandeira, em lúdico artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mais típica de quem ficou a meio caminho da instrução primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária do Sacramento, Minas Gerais. (DANTAS, 2004, p.5 Apud SILVA, 2013, p.11).

Eis um ponto muito importante que Audálio traz pois, para os críticos Carolina era tida como uma invenção criada pelo jornalista para se dar bem, sua realidade era tão impressionante e desconhecida por parte da sociedade que foi confundida com ficção, tida como uma história inventada.

Nota-se que, a forma original como Carolina escreve seu diário causa um certo “desconforto” para os críticos literários pois, ela transcreve sua linguagem literária de forma original, fielmente do jeito em que ela falava e isso foi a peça chave que fez a sua autobiografia assumir um tom de ficção, fazendo com que a sua veracidade fosse questionada, pois além de narrar os acontecimentos que se passavam no seu cotidiano, ela queria mostrar para aqueles que duvidavam de sua competência como era possível e que seria capaz de conquistar a sua ascensão.

Também há em seu diário o protesto sobre o presidente do país e também o gerenciador da cidade de São Paulo, na época Juscelino Kubistchek e Ademar de Barros, respectivamente. Sobre o presidente e o seu governo, Carolina faz comparação a um cachorro que tenta morder o próprio rabo, introduzindo uma metáfora às voltas que o governo dava com as questões sociais e com as dificuldades para dar continuidade aos projetos que nunca chegavam a se concretizar.

Segundo Lara Gabriella (2015):

[...]esse acelerado processo industrial, trouxe também uma série de problemas de longo prazo para a economia do país, mas de modo geral, foi apoiado por importantes setores da sociedade. Mas as camadas populares sofreram com seus efeitos nefastos.” (GABRIELLA, 2015, p.58)

Diante da afirmação acima, percebe-se que, se de um lado o país crescia com o projeto desenvolvimentista, por outro lado mais pessoas iam para os quartos de despejos, cheios de miséria e violência, pelo seguinte motivo: o governo e as grandes empresas, visando o progresso e o lucro, expulsavam as pessoas das terras onde haviam os aglomerados populacionais, o que gerava ainda mais exclusão social.

A década de 50 foi marcada como um importante momento da história do Brasil, era a década do desenvolvimentismo idealizado pelo governo JK, porém em sua obra,

Carolina relata somente o seu lado negativo, o Brasil se desenvolvia cinquenta anos em cinco, mas a favela continuava paralisada. Os relatos de Carolina comprovam que o governo não promoveu somente o desenvolvimento da nação, confirmando assim a contradição histórica do modelo econômico implantado pelo governo Juscelino. Em Quarto de Despejo, vê-se representada a voz que foi sufocada durante anos por todos aqueles que só enxergavam apenas o lado positivo dos anos cinquenta e esquecendo que o “desenvolvimentismo” também gerou um lado negativo, que endividou o país durante anos, causando miséria, desigualdade social e esquecimento para aqueles que viviam em condições de minoria.

### 3 A ESCRITA DE SI E DO OUTRO: RELATOS DE DENTRO DE UM QUARTO DE DESPEJO

“Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis”.

Carolina Maria de Jesus

Carolina, ao tomar para si o poder de cumprir o papel de intelectual, retrata o ambiente em que vivia, as mazelas e dificuldades que enfrentava naquele lugar. Com sua escrita emponderada, ela toma para si a missão de descrever em seus diários a falta de políticas públicas que assolava a favela e apontava uma série de problemas sociais que existia ali.

[...] o único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga [...] cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior quanto no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro. Só aos domingo que eu tenho tempo de limpar (JESUS, 1960, p.42).

O diário de Carolina resolve parte de uma lacuna deixada na literatura moderna sobre a representatividade de classes populares tanto como produtores literários, quanto como personagens. A autora surge então como essa exceção, pois ao modo que ela se apresenta como produtora literária vinda de uma classe popular excluída, é também personagem, apropriando-se do papel de narradora-personagem que tem a função de falar de si e do outro.

Sobre a autobiografia, Alba Olmi em sua introdução do livro *Memórias e Memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*, indica que:

a autobiografia vem despertando hoje nos meios acadêmicos, particularmente a autobiografia feminina, a importância e a amplitude que os estudos interdisciplinares e multiculturais estão assumindo no campo da Literatura comparada, que pode revitalizar literaturas consideradas marginais ou periféricas num sistema literário diferenciado – muito oportuno quando se discute o cânone e se tenta resgatar a literatura periférica (dita marginal), particularmente pós-colonial (...) (OLMI, 2006, p.10).

Observa-se que a afirmação da escritora Alba, é válida pois, mais recentemente os cadernos literários de Carolina vêm sendo objetos de estudos principalmente nos meios acadêmicos como: artigos, teses, dissertações, entre uma gama de estudos que podem ter como objetivos os escritos literários de Carolina. Em função de novos rumos que os estudos literários vêm tomando, não somente no Brasil, como fora do país também.

Carlos Silva (2013) nos informa que,

[...] sua escrita também servia para falar de si e do outro, também como instrumento de denúncia social, mas principalmente como uma forma de se sentir diferente dos demais favelados, pois ela não se sentia pertencente aquele lugar, a favela.” De si, fala da rotina, da família, dos sonhos e fantasias. Dos favelados, acaba assumindo uma dupla postura, pois ora é a favelada que tem a função de denunciar os sofrimentos vividos por ela e pelos moradores do Quarto de Despejo, ora é a moradora que vai denunciar as atitudes ruins que os favelados cometem (principalmente contra ela) [...] (SILVA,2013, p.14).

O fragmento acima revela que, é através dessa escrita de si e também do outro que Carolina faz uma avaliação enquanto sujeito, uma vez que ela expõe no papel suas experiências, expectativas e frustrações, e também como forma de denúncia social. As repetições em seu diário são características presentes na definição que Alba Olmi (2006, p.76) traz em seu livro: “o diário nasce como resposta a motivações frequentemente complexas e com funções particulares variadas”. Seu processo de escrita, a rotina diária é traçada sempre da mesma forma e são esses tipos de repetições que se transforma em uma marca registrada dos seus escritos.

### 3.1 A FAVELA: LUGAR DE IDENTIFICAÇÃO E A MARCA REGISTRADA DO PRIMEIRO DIÁRIO DE CAROLINA

Em São Paulo, históricos relatam que as primeiras favelas começaram a dar seus primeiros sinais de vida na década de 40, sendo a primeira, a favela do Oratório, que ficava localizada na Zona Leste da cidade. A favela do Canindé situava-se próximo às margens do Rio Tietê, e se constituiu por migrantes de várias partes do país e alguns imigrantes também. Esses “acidentes populacionais” que ali se abrigaram, foram à procura de trabalho e atraídos pelas “facilidades” que julgavam encontrar naquela cidade. (GABRIELLA, 2015).

Essas pessoas retratadas por Carolina em seus escritos viviam em condições de pobreza extrema. E esse espaço de narrativa que é apresentado por ela, possui uma semelhança com o que ela chama de quarto de despejo, descrito tantas vezes como estar num inferno:

[...]E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente(JESUS, 1960, p. 10).

...Estou residindo na favela. Mas se Deus quiser hei de mudar daqui. Espero que os políticos estinguem as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos... (JESUS, 1960, p.17).

[...] o meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. Desgosto que tenho é residir em favela(JESUS, 1960, p.19).

Esses relatos atestam que Carolina participou e encenou momentos chave da história da cidade de São Paulo. viveu a segregação populacional, racial e social, a constituição de uma favela, desenvolveu em sua escrita um caráter de denúncia social, visto que seus relatos problematizam a estrutura social ao qual foi condicionada a viver, não só ela, mas todas as personagens do seu diário.

Carolina não economizava palavras para relatar a sua fome e o que os outros passavam. É assim, através de denúncias em seus diários que ela consegue ter a visibilidade que tanto almejava. A escritora foi encontrada por Audálio Dantas<sup>2</sup>, jovem jornalista que em abril de 1958 a ouviu (que de uma forma intencional, fez para chamar a atenção do jornalista) discutindo com seus vizinhos ameaçando-os registrá-los em seu livro. Para os moradores da favela, ouvir essas ameaças soava como uma ofensa, era como se Carolina estivesse xingando-os.

Audálio então, resolveu indagar-lhe sobre o que significava as ameaças que ela fazia para aquelas pessoas, e Carolina foi direta na sua resposta: “o livro que estou escrevendo sobre as coisas da favela”. Ele então ficou curioso e se interessou para saber o que aquela mulher escrevia e, foi a partir desse encontro que Carolina teve a oportunidade de mostrar o que ela mais gostava de fazer: escrever.

---

<sup>2</sup> Sua carreira como jornalista iniciou no Jornal *Folha da Noite*, no início dos anos de 1950. Estava em seu quarto ano de trabalho como jornalista, embora tenha sido antes disso fotógrafo do mesmo.

Fui ver o livro. E pela primeira vez entrei no barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé. E vi os cadernos do guarda-comida escuro de fumaça. Narrativa diária da vida de Carolina e da vida da comunidade-favela. Coisa bem contada, assim como aparece agora em letra de fôrma, sem tirar nem pôr. Eu vi eu senti. Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria tôda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no sêco escrever. Foi por isso que eu disse assim para Carolina Maria de Jesus, lá mesmo, na horinha que lia trechos de seu diário: “Eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro”.<sup>3</sup>

O intuito do jornalista ali naquela comunidade, era de elaborar uma matéria sobre a instalação de equipamentos de playgrounde pela prefeitura, mas ao visitar o barracão de Carolina, o pensamento de Audálio mudou completamente, ao mostrar os seus diários para ele, trechos do mesmo substituíram o artigo que ele pretendia escrever.

Carolina escreveu em mais de 20 cadernos encardidos encontrados em meio ao lixão a (sua) história da favela, o próprio jornalista declara: “repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela”.

O que ela mais acreditava era em seu potencial literário, ela almejava a todo tempo mudar de vida e com a descoberta dos seus diários se via quase realizada, pois acreditava que sairia do quarto de despejo para morar na sala de visitas.

### 3.2 PERSPECTIVAS E A RECEPÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO, SEU PRIMEIRO DIÁRIO AUTOBIOGRÁFICO PUBLICADO

Carolina ao levar o jornalista Audálio em seu barracão, fez com que ele presenciasse diversas páginas cheias de histórias. Ali havia romances, peças teatrais, poesias, mas o que mais chamou a atenção do jovem jornalista foi justamente os registros contidos em seu diário.

Os fragmentos do seu diário começaram a ser publicados pelo jornalista e, juntamente com a sua história viraram artigos do Jornal Folha da Noite, publicações desses fragmentos começaram a atrair a atenção sobre Carolina, mesmo ela não recebendo nada por isso e por um bom tempo foi assim, foram dois anos desde que

---

<sup>3</sup> Dantas, Audálio. “Nossa irmã Carolina. Apresentação de Audálio Dantas no livro *Quarto de Despejo*”. São Paulo: Francisco Alves, 1960. (*grifos do autor*). (Apud Silva, 2006-2007, p. 17)

Carolina foi encontrada por Audálio em 1958 e somente, em agosto de 1960 ela pôde começar a colher os frutos do que havia plantado.

O senhor Manuel chegou. Disse-lhe que a reportagem vai sair 4ª feira e que o repórter quer levar o livro para imprimir. Eles ganham dinheiro nas tuas costas e não te pagam. Eles estão te embrulhando. Você não deve entregá-lo o livro Eu não imprecionei com as ironias do Senhor Manoel (JESUS, 1960, p.149).

Os escritos de Carolina representavam uma revolução para o meio literário, só que na década em foi publicado os seus escritos, o contexto social e cultural brasileiro, impediam a visibilidade do seu diário. Carolina escrevia ostensivamente tudo aquilo que não era comum naquele momento, por ser mulher, semianalfabeta, negra, pobre e favelada muitos não viam seus diários como algo que fizesse parte do cânone literário.

Aline arruda (2015), diz que:

Os julgamentos de valor sobre a obra de escritores à margem do cânone, como é o caso de Carolina, sempre sentenciarão os textos produzidos por esses autores como “pobres em estética”, “panfletários” ou desprovidos de literatura. Tais críticos dificilmente reconhecem os escritos dos excluídos como literários de fato, no máximo, aceitam seu “valor social e histórico[....]” (Aline Arruda, 2015, p.22)

Em seu artigo, Carolina Maria de Jesus emblema do silêncio, Meihy lembra: “É preciso dizer que à época do aparecimento de Carolina, o mundo literário nacional comportava, como demonstra Marisa Lajolo, o aparecimento de “mulheres com ideias na cabeça e pena na mão” (Meihy, 1998, p.89).

Nesse sentido, o autor lembra que a pesar da autora fazer parte do meio literário feminino em que sua produção é muito importante, principalmente para mulheres, ela não se manteve, pois ao contrário do que acontecia com outras escritoras que só cresciam, Carolina declinava, pois, a sua literatura não condizia com os padrões para a elite literária. Não condizia, pelo fato de tais “padrões” impostos pelo cânone literário da época só se encaixaria, mulheres brancas e que faziam parte da sociedade intelectual.

Por outro lado, o conteúdo do seu livro sensibilizava o leitor com seus temas sociais e conteúdos poéticos, Carolina faz um convite ao leitor para ler o seu diário e conhecer sua trajetória. Mesmo estudando somente até o segundo ano primário, ela

se preocupa em usar um vocabulário formal mesmo aparecendo em seus textos palavras que não são redigidas na norma padrão, ponto muito importante que Audálio decidiu conservar ao editar o livro.

Mesmo com todos os empecilhos e as críticas que a novidade “Carolina” recebia, seu primeiro livro foi publicado, houveram várias recusas iniciais, mas Dantas conseguiu acordo com a Livraria Francisco Alves, que resolve aceitar o desafio. O fenômeno editorial representado por Carolina foi único no Brasil, se tornando uma obra Best-seller rapidamente. Meihy (1994) nos informa que, a edição de Quarto de Despejo vendeu nos três primeiros dias do lançamento dez mil exemplares esgotando-se na mesma semana. Em seis meses 90 mil cópias já haviam se alastrado por todo país. O livro foi traduzido para treze línguas, tendo circulado por quarenta países. Carolina despertou a curiosidade não só no Brasil, mas em outros países e ficou conhecida pela atuação da imprensa de todo o mundo. Seu lançamento foi um sucesso, e até aquele momento, nenhum outro livro publicado no Brasil com depoimentos de mulheres pobres atingiu níveis próximos ao de Carolina.

Para que se entenda a rejeição de Carolina do Cânone literário, é preciso compreender o contexto social ao qual ela estava firmada e como sua literatura havia sido exaltada de forma tão ilusória. Para muitos críticos e literários da época, os usos linguísticos de Carolina fizeram com que muitos acreditassem não ter sido ela a narradora de todos aqueles acontecimentos, ignorando aspectos importantes de um texto que mostrava toda a realidade da favela, lugar que não era mostrado na televisão ou até mesmo escrito pelas mãos de quem viveu boa parte da vida lá.

A maior parte da obra de Carolina Maria de Jesus é autobiográfica, pois, por ser a autora sua personagem principal, ela interage e representa os demais personagens através de um ponto de vista tido como verídico para ela. Sendo assim, é preciso ir além da visão que reduz sua escrita a um simples registro da realidade, pois traz em si elementos de criação e representação literárias significativos para a compreensão da obra.

Carlos Silva (2013), cita Leticia Pereira de Andrade onde ela assegura que:

Os diários são narrativas autobiográficas em que um eu de vida extratextual comprovada (ou mesmo com vida apenas dentro do texto) registra, com amparo de data, apoiado na clássica datação, anotações variadas, geralmente sobre um passado recém acabado, fragmentando a suposta experiência de vida. (ANDRADE, 2008, p.80, Apud SILVA, 2013, p.13).

Para esses tipos de críticas, os escritos de Carolina se enquadraria no que Alba Olmi (2006, p.108-109), citando o romancista e crítico francês Philippe Forest (2003), vai chamar de *autofction*, que para ele nada mais é “do que a autobiografia sob suspeita, isto é, submetida ao questionamento por parte da consciência crítica.”

Dessa forma, Carolina ao narrar a sua existência, de acordo com os princípios norteados por Forest, obrigatoriamente a transforma em romance que, por conseguinte, vira uma espécie de fábula. Assim, ele acentua que nesses casos, pensa-se estar dizendo ou narrando a verdade com relação a própria vida, mas que no fim de tudo, toda a narrativa, mesmo a mais íntima, assumiu a forma “obrigatória” da ficção.

Audálio, editor do livro, deixa claro que fez pequenas alterações nos escritos de Carolina, pois se ele não o fizesse ficaria incompreensiva a leitura do mesmo. Segundo ele, “a repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva”. Por isso foram feitos cortes, selecionando os trechos mais significativos.

Ainda segundo ele em diversos momentos do diário, Carolina cita a cor da fome, onde tudo tinha cor, mas quando ela aparecia tudo ficava amarelo.

A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina.

Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo – o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável (DANTAS, 1960).

Fica claro também, os espaços vagos deixados pela escritora, o diário começa a ser escrito em 15 de julho de 1955 com uma pausa em 28 de julho de 1955. Ela retorna a escrever em 2 de maio de 1958 e finaliza-se em 01 de janeiro de 1960. Existe uma pausa entre os anos de 1956 e 1957. O jornalista, declara no prefácio de Quarto de Despejo, que a pausa nos escritos durante esse período talvez tenha sido motivada por “desesperança”.

Quarto de Despejo foi classificado pelos pesquisadores como uma cópia fiel da miséria urbana, pois a escritora se colocava como interprete e protagonista da própria experiência de vida e na sociedade. A escritora-personagem descreveu as transformações em curso enquanto sujeito social e cronista, ela narrou o que viveu, viu e ouviu, sentiu na pele tudo de ruim que os outros sentiram, mas mesmo assim

manteve a esperança de que dias melhores iriam chegar para pelo menos dar um pouco de conforto e felicidade aos seus filhos.

O diário é um gênero singular, vários escritores já se serviram desse gênero íntimo para, a partir da necessidade de relatar sobre si e de suas experiências, representar tudo a sua volta, seja intencionalmente ou não. Na literatura mundial pode-se citar o diário íntimo de Cesare Pavese<sup>4</sup>, onde ele faz uma reflexão sobre a humanidade, a literatura e a poética sempre em um tom pessimista, apresentando verdades amargas e de estados de espíritos que podem levar qualquer pessoa a uma autoconsciência dolorosa;(OLMI,2006). Pode-se citar também o caso de Anne Frank, uma jovem que viveu os horrores da Segunda Guerra no sótão de uma casa junto a seus familiares. Seu diário é de grande valia, pois mostra o que as pessoas enfrentavam para tentar escapar da violência empregada pelos nazistas. (SILVA, 2013).

Ao escrever o seu diário para expor o sofrimento, Carolina também descreve momentos importantes da história do Brasil, com a intenção de ser lida e para chamar a atenção, descreve o lado negativo de sua vida e da década em que ele foi escrito, repetidamente ela enfatiza o seu descontentamento com relação a tudo o que estava vendo e vivendo.

O discurso arrojado dessa mulher, que mesmo estando à margem de uma sociedade excludente, fez com que o seu diário autobiográfico ganhasse o mundo. Mesmo o diário assumindo um aspecto de “narrativa fragmentária”, como acentua Alba Olmi (2006, p.76), Carolina apoderou-se de aspectos que a fez se sentir capaz de conquistar muitos espaços e foi no sentido de querer ganhar o mundo que as construções literárias de Carolina ganharam dimensões grandiosas, sua obra, além de ser literária, também tem um cunho de documento social, que atesta não somente as histórias da sua vida, como também faz uma denúncia social do que os favelados vivenciavam de um ponto de vista interno.

---

<sup>4</sup> Escritor e poeta italiano (09 de setembro de 1908 – 26 de agosto de 1950), escreveu o diário “*O ofício de viver*”. Faz uma autocrítica revelada em reflexões sobre a sua arte, seus processos criativos e sobre o sentido da sua existência.

#### 4 A SALA DE VISITAS: CASA DE ALVENARIA, DIÁRIO DE UMA EX-FAVELADA

“Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita”.  
(JESUS, 1961)

O lançamento de *Quarto de Despejo* foi um sucesso no Brasil, o fenômeno de vendas expôs publicamente a dramática condição experimentada pela classe social à qual Carolina estava inserida e a vida pessoal da escritora, esses escritos causaram comoção porém, para muitos da elite intelectual, o tipo de escrita de Carolina não era vista como algo que pudesse ser levado a sério.

No que se refere ao espaço e a representatividade da mulher negra, Carolina é considerada como uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil a escrever a dura realidade a qual presenciava, mostrando a real face de quem escrevia.

Portanto, este capítulo retratará um pouco do que Carolina Maria de Jesus viveu após a fama que o seu primeiro livro lhe causou. A autora relata essa nova fase em sua nova obra “*Casa de Alvenaria*” (1961), na qual conta suas experiências, agora como ex-favelada. Enquanto “*Quarto de Despejo*” se tornou um obra *best-seller* rapidamente, na qual foi traduzida em mais de treze idiomas e vendida em mais de quarenta países, “*Casa de Alvenaria*” é uma obra pouco conhecida da autora, e podemos dizer que seja uma “continuação” da primeira. Dessa vez, Carolina está bem-sucedida, e com fama, ela agora, deixa de ser a favelada, na qual ninguém dava ouvidos e torna-se uma mulher cheia de empoderamento, que “venceu na vida”, porém ainda sofre bastante preconceito pela sociedade por ser negra e ex-favelada.

O livro contém 183 páginas, na qual foi publicada em 1961, logo após “*Quarto de Despejo*”, também editado por Audálio Dantas, mas pouco vendido; tendo uma única edição de dez mil exemplares impressos, porém, somente três mil cópias foram vendidas. É, entretanto, um livro importante. A referida obra aborda sobre os dias de Carolina desde a assinatura do contrato com a editora para a publicação de *Quarto de Despejo* até sua saída da favela, a compra da casa num bairro de classe média, sua hesitação em relação à casa, os fascínios e as angústias na nova posição. Este, talvez seja o único depoimento existente do cotidiano de uma ascensão social já escrita.

Dessa forma, esta obra é escrita de forma bem parecida como a primeira, em forma de diário, em que Carolina mostra sua essência em forma de depoimento. No entanto, a narradora agora vive outra realidade e a relata. Porém, dessa vez, a autora lança um olhar sobre o mundo de alvenaria, que foi seu grande sonho e conquista, demonstrando, que nesse mundo “de alvenaria” a miséria também existe, nas formas mais diversas.

Aline Arruda cita Perpétua, onde ela postula que:

Na seleção de *Casa de alvenaria*, a preocupação passa a ser a de compor a imagem de uma mulher bem-sucedida pelo seu próprio esforço. As reportagens continuam a divulgar a história de Carolina, anunciando o *Quarto de despejo*. Seu segundo diário publicado vai mostrar os registros em que consta o crescimento de sua notoriedade. (PERPÉTUA, 2000, p.205, *apud*. ARRUDA, 2015, p.38)

Enquanto em *Quarto de Despejo* a autora fala mais do seu cotidiano, da vida familiar, doméstica e da vizinhança, trazendo um tom de denúncia em seus escritos, em *Casa de Alvenaria* seu olhar estava voltado para a esfera pública – a imprensa, as autoridades, os estúdios de rádio e TV, as cerimônias, as viagens, as celebridades, os autógrafos, passagens por hotéis, etc.

Sendo assim, os dias sobrevivem na linearidade da história de sua ascensão e as palavras da autora parecem mais “corretas”, desse modo, a transição do quarto de despejo para a sala de visitas também é sua língua em transformação.

Desse modo, o lugar de fala de Carolina agora é outro, ela sente que tem voz, que pode ser ouvida, e que as pessoas darão importância à sua opinião. De fato, o mundo inteiro voltou os olhos para essa mulher negra, favelada e mãe de três filhos pequenos que escrevia sobre sua realidade de maneira profundamente poética.

Mesmo assim, hoje em dia, muitos brasileiros desconhecem o legado dessa figura tão importante e inspirador. Seus escritos ficam à parte restritos aos muros acadêmicos e com valorização também fora do país.

Sobre isso Meihy (1996) nos diz que, a questão dos escritos de Carolina ter feito tanto sucesso no exterior causou um certo desconforto para os críticos da época visto que, a situação social do país gritada por Carolina era contraditória devido à época em que os escritos se passavam, chamava a atenção dos estrangeiros pois: eram os anos dourados, visto como a época do desenvolvimento do país, mas o que Carolina transcrevia era justamente a outra face desse momento. Sendo assim, “o

texto de Carolina como estava publicado, congelava uma imagem do país, negando, nossa luta pela transformação contextual.”(MEIHY,1996, p.26)

#### 4.1 A NOVA DIMENSÃO DE CAROLINA

A partir da publicação de Casa de Alvenaria, as experiências de Carolina são contadas em relação ao seu convívio com a elite, seus novos vizinhos na cidade de São Paulo no bairro de Santana onde ela passou a residir com os filhos depois que a sua voz ecoou de uma forma estrondosa, sua escrita de denúncia social nesse contexto não existe mais. Carolina agora faz parte de uma sociedade mais culta, o relato agora é mais limitado ao seu cotidiano nesse espaço:

Depois começaram a me invejar/Diziam: você, deve de os teus bens, para um assilo/ Os que assim me falava/ Não pensava Nos meus filhos. / As damas da alta sociedade/ Dizia: pratica a caridade. / Dando aos pobres agasalhos. / Mas o dinheiro da alta sociedade Não é destinado a caridade. / É para os prados, e os baralhos/ E assim, eu fui desiludindo/ O meu ideal foi regredindo. (JESUS, 1961, p.98)

Neste trecho, Carolina continuava sentindo o preconceito da sociedade, só que agora, ela não é mais aquela pobre coitada que precisava de ajuda, ela agora estava do outro lado e era quem podia ajudar. No entanto, Carolina estava conhecendo esse novo mundo e percebendo que ele também era sujo, e que existia muita gente maldosa. Os escritos de Carolina nesse contexto, testemunham práticas de racismo que afetam negros, quando estes excedem os ambientes sociais que “historicamente” lhes foram reservados.

...Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo... Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico? (JESUS, 1961. p 64-65).

Eu ainda não habituei com este povo da sala de visitas - uma sala que eu estou procurando um lugar para sentar (JESUS, 1961, p. 66)

Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria.

E não consigo.

Minhas impressões na casa de alvenaria variam.

Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borralheira. (JESUS, 1961, p.151).

O preconceito continua sobre Carolina, agora pelo fato contrário do que era antes, “ela agora está rica”. No entanto, a ex-favelada agora se encontra no mundo

dos brancos, no qual, é um espaço que ela não rejeita, de certa forma é o seu sonho. Porém, ela tenta adaptar-se como pode.

Mesmo após conquistar a sua ascensão social, Carolina se mostra muito desesperançada, o mundo continuava cruel, o dinheiro e os interesses políticos eram ainda mais importantes na sociedade, Carolina nesse momento encontra dificuldades para escrever sobre seu novo diário pois, seu conteúdo narrativo agora é outro e sobre isso ela escreve:

“8 de dezembro. Hoje é feriado. Não vou sair de casa. Não estou escrevendo o diário com receio de citar as confusões do povo da sala de visitas. Eles são ambiciosos e comentam com uma dose de despeito. - A Carolina está rica.”(JESUS, 1961, p.101)

Ela refletia e analisava com mais cuidado os problemas e conflitos raciais, e até mesmo a própria ascensão repentina que estava vivendo. Embora já falava bastante sobre isso em seu primeiro livro, agora o convívio com a elite, possivelmente lhe ampliou seu ponto de vista sobre isso. Carolina continua narrando o seu dia-a-dia com sua nova vida que assume uma nova dimensão. A autora, assim como em *Quarto de Despejo* continua a falar sobre o negro e o racismo:

Fomos na redação. Eu ia olhando as bancas de jornais. As notícias sensacionais: Fiquei horrorizada com as perseguições na África. A África é terra dos pretos, mas os brancos foram para lá açambarcar o território dos coitados. Eu acho que a interferência do branco na vida do negro é só para atrapalhar. Deixa os coitados arrazados. Fiquei com dó do Patrice Lamumba, que podia viver mais uns dias. Quando será que a civilização vai predominar? (JESUS, 1961, p.137)

A fome, mesmo ausente nessa nova vida de Carolina ainda continuava a lhe incomodar, ela relembrava constantemente os tempos em que viveu na favela e que essa condição a incomodava tanto.

Fomos almoçar. Que comida deliciosa. Sentada no restaurante chique, eu pensava nos infelizes que catam os restos da feira para comer. Tenho impressão que os infelizes que passam fome são meus filhos, Eu saí da favela. Tenho a impressão que sai do mar e deixei meus irmãos afogando-se (JESUS, 1961, p. 86)

Assim como a comida, ela ainda ficava perplexa com algumas coisas. O que era natural, já que antes não tinha nada daquilo: “Que bom escrever atualmente com luz elétrica. A minha casa tem 14 lâmpadas”. (Jesus, 1961, p. 129).

Assim, com sua nova situação, sua nova casa não lhe passa o conforto que tanto esperava Carolina a reforma, reorganiza e recebia sempre em sua sala de estar, visitantes que lhe solicitam dinheiro. Diante disso, Carolina não se sente bem com essas situações, pois ela sente que está sendo usada, ou que está “se vendendo”: – “Tenho a impressão que sou uma carniça e os corvos estão rondando o meu corpo. Corvo humano que quer dinheiro” (Jesus, 1961, p.130); “Hoje ninguém veio pedir dinheiro. Graças a Deus!” (JESUS, 1961, p.137). Carolina Maria de Jesus experimentou o seu auge de popularidade, pois ela aborda suas viagens a vários lugares do Brasil, ou a alguns países os quais visitou para dar palestras.

Audálio Dantas, editor das duas primeiras obras de Carolina Maria de Jesus, comenta sobre a diferença entre os dois diários da autora na apresentação de *Casa de Alvenaria*. A diferença de escrita, de singeleza de Dantas em relação ao prefácio do primeiro livro é evidente: enquanto no primeiro Carolina torna-se a voz da favela, com sua grande representatividade, no segundo, percebe-se que Carolina ainda está perdida neste novo mundo tentando primeiro encontrar-se para depois encontrar as palavras certas, de descrever os sujeitos e as situações vividas com mais clareza.

Sendo assim, na finalização do prefácio, Audálio faz uma recomendação pertinente para que Carolina Maria de Jesus conserve-se em seu lugar, pois naquela altura parecia que os dois não mantinham uma convivência amigável, as relações pareciam estremecidas:

Finalmente, uma palavrinha a Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do Quarto de despejo. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, **com qual você pode dar por encerrada sua missão**. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa- no deslumbramento das luzes da cidade. (DANTAS, 1961, p. IV, ênfases do original)

O lançamento de *Casa de alvenaria* estabelece o encerramento do sucesso em que Carolina experimentava desde que foi encontrada por Audálio Dantas, em 1958. Meihy em *O inventário de uma certa poetiza*, postula que:

A glória de Carolina era perturbadora, mas, dadas as sequentes ondas de apagamento de sua produção publicada, o sucesso funcionou-lhe como contraponto intermitente no céu nacional prenhe de literatura de mulheres bem-nascidas. Nesse sentido, o aparecimento de Carolina no mundo reconhecido e público dos brancos era uma *licença democrática*. (MEIHY, 1996, p.9)

Meihy deixa claro no prefácio do livro *Antologia Pessoal*, que devido a todos os tratamentos crítico-literário e historiográfico legados à obra da escritora, depois de protagonizar como “estrela de um novo tempo”, Carolina simplesmente foi ofuscada, sendo esquecida, pois a sua nova história não fazia mais sentido.

Foram longos os holofotes que fizeram com que Carolina conseguisse realizar o desejo de adquirir a sua casa de alvenaria. O desejo de “um canto só seu” para dar conforto aos seus filhos foi realizado, ela conseguiu realizar não somente esse sonho, como outros que almejava e ainda um pouco mais.

Porém, após esta obra, Carolina passa a viver no anonimato, a figura de ex-favelada não desperta muito o interesse da sociedade, pois ela e sua obra só chamavam atenção apenas enquanto revelavam o lado negativo do processo de desenvolvimento daquela época. A sua ascensão social não chama atenção dos leitores, todavia, não foi somente esse fator que impediu de Carolina continuar os projetos literários que tanto pretendia, iniciava na década de 60 os anos da censura no Brasil e com o regime militar algumas editoras temiam repressões por parte do governo e também por esse fator Carolina passa a ser esquecida.

Entre os anos de 1964 e 1976, Carolina se manteve oclusa e passou a residir em uma chácara localizada em Parelheiros que tinha por nome *Coração de Jesus*, passando a dedicar-se à escrita de suas memórias de infância e juventude. Nesse contexto, escreve o *Diário de bitita*, o romance *O escravo*, peças de teatro e poemas inéditos.

Carolina falece em 13 de fevereiro de 1977, vítima de uma crise de asma e em condições de miséria, pobreza e esquecimento.

*Casa de alvenaria* simboliza a resistência dos escritos de Carolina de acordo com a sua ascensão social. Nas páginas do seu primeiro livro a autora narra os principais relatos que se passavam na favela e também na cidade de São Paulo, enquanto saía para catar papéis. O livro causou um importante impacto em vários setores da sociedade, que pela primeira vez ouviu a voz de uma negra marginalizada e semialfabetizada tudo aquilo que não era comum para aquela época.

Na análise feita aqui, neste capítulo vimos o modo contraditório como ocorreu o auge da escritora Carolina após sua voz ecoar os quatro cantos e de como ela declinou após conquistar o seu maior desejo de um “canto só seu”. Enquanto os modernistas não aceitavam como literário o que não representasse determinados

padrões em atenção ao *status quo*, Carolina subvertia esses padrões e de um jeito “bonito” escrevia. De toda forma, ela sabia que escrevendo daquela maneira, sendo uma mulher negra, moradora da favela, vivendo à margem de uma sociedade excludente, só poderia ser legitimada desse jeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora Carolina Maria de Jesus narrou parte da sua história através dos seus dois diários aqui estudados. O primeiro, num momento em que ela se encontra desesperada para sair das condições em que ela e seus filhos foram condicionados a viver e o segundo momento, após conquistar a visibilidade que tanto almejava na vida.

Indo para a *Casa de alvenaria* vê seus dias de glórias e fama. Sem pensar se estava fazendo o certo ou não, a sua estética e estilo próprios, tornam sua obra original. Originalidade essa que fere o cânone e rompe o sistema que exige somente aqueles letrados, de classe social escolarizada e elitizada. Carolina era o avesso de tudo isso que a classificava como uma farsa inventada pelo jornalista Audálio Dantas.

Mesmo assim, ela teve voz e foi ouvida, para tanto, o presente trabalho buscou mostrar como esses escritos autobiográficos da escritora alçaram voos, mostrando a trajetória da mulher que viveu a maior parte da vida à margem de uma sociedade que a excluía.

No discurso narrativo das obras aqui analisadas percebe-se que as experiências negativas daqueles condicionados a viver como marginalizados, só podem ser descritos por aqueles que vivenciaram tais fatos. Carolina surgiu desse cenário – dos impossibilitados – que descreve a sua miséria através de um vocabulário próprio, mas que pode ser compreendido por todos que a ler.

Os escritos de Carolina, deixa claro que para uma sociedade machista, onde a democracia racial é inexistente e a desigualdade social é forte, a narrativa de uma mulher negra que somente estudou dois anos do grupo escolar tem um papel importante para que esses tipos de violências sejam discutidos e combatidos.

Porém, devido aos processos de apagamento da sua imagem Carolina foi esquecida. Esses processos de apagamento deram-se pelos principais fatos das pressões sofridas por ela em relação aos seus novos escritos e devido ao sistema de governo vigente. Carolina escrevia em favor dos favelados, da classe trabalhadora, das mulheres negras, enfim, dos menos favorecidos e foram essas as principais razões do seu esquecimento.

A presente pesquisa estabeleceu mais um ponto de contribuição para mais uma interpretação das obras da autora aqui analisadas.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Aline Alves. *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*. 2015. 257f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2015.
- JESUS, C. Maria de. *Casa de Alvenaria – Diário de uma ex-favelada*. 4 ed. Rio de Janeiro: editora Paulo Azevedo, 1961. 183p.
- JESUS, C. Maria de. *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. São Paulo: editora Francisco Alves, 1960. 172p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Antologia Pessoal – Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1996. 235p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert, M. *Cinderela Negra: A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1994.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: Emblema do silêncio*. Revista USP, São Paulo, v.37, p.82-89, 1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert, M. *Meu estranho diário – Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: editora Xamã, 1996. 314p.
- OLMI, Alba. *Memórias e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. 1 ed. Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2006. 162p.
- SANTOS, Lara Gabriella Alves. *Carolina Maria de Jesus: análise identitária em Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em estudo da linguagem) – UFG, Regional Catalão, Catalão, 2015.
- SILVA, Carlos Fernando Ribeiro. *Contradições em Carolina Maria de Jesus*. 2013. 32f. Monografia (Graduação em letras português) - UNB, Brasília, 2013.
- SILVA, Carlos José Gomes da. *História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus*. 2006-2007. 28f – UNICAMP.